

A Democracia Televisiva

Por Regis Alvim Junot, em 17/03/2007.

Muitas pessoas rejeitam as inovações por preverem que nunca as compreenderão. Outras costumam prever a extinção de tudo que consideram ultrapassado. Mas a história nos mostra que algumas previsões se concretizam e outras não. Quando a televisão foi inventada, não se sabia ao certo o que exibir nela e então sua utilidade foi questionada. No início, as referências foram o rádio e o teatro. Mas com o tempo, a TV criou uma linguagem própria e se tornou tão popular que chegou a se acreditar que ela poderia causar o fim do cinema. Hoje, conhecemos a utilidade da TV e sabemos que o cinema sempre teve o seu espaço.

Com a expansão da Internet, muitos afirmam que revistas e jornais impressos estão com os dias contados. Outros dizem que em alguns anos a audiência da TV será derrubada pela IPTV e pelos vídeos na Web. O fato é que hoje a televisão alcança 90% da população brasileira enquanto a Internet apenas 25%. A infra-estrutura de banda larga no Brasil é deficiente, restrita e o seu custo a torna inacessível para a maioria da população. Isso dificulta tanto a veiculação de conteúdo audiovisual via IPTV como a própria massificação da Internet. Considerando esta realidade e a relação do povo brasileiro com a TV, parece pouco provável uma mudança de hábitos profunda a curto ou médio prazo.

"Web 2.0", o grande palco digital.

Segundo o designer industrial Gil Giardelli, hoje podemos avaliar e comentar notícias, selecionar assuntos do nosso interesse, colaborar na geração e alteração de conteúdo, participar de comunidades, classificar e indicar produtos. A Internet oferece este grande palco digital onde o arquiteto vira escritor, o advogado se torna jornalista e o empresário conta suas histórias e experiências. Todos podem ter alguns minutos de fama.

Não basta ver o seriado favorito. Através da chamada "Web 2.0" já é possível participar dele, virar praticamente um co-autor e descobrir coisas que não foram ao ar na TV. Esta é a "receita" do seriado Lost, um dos maiores sucessos televisivos da história dos EUA. Podemos vislumbrar algo semelhante na TV digital. O site You Tube, por exemplo, pode ser considerado um grande protótipo do conceito de "TV 2.0".

A era da "TV 2.0"

Al Gore não é só ex-vice-presidente dos EUA e vencedor do Oscar. Ele também é o criador da Current TV, uma espécie de "TV 2.0" transmitida por cabo e satélite, lançada em agosto de 2005 nos EUA. Um terço de todo seu conteúdo, incluindo os anúncios, é produzido pelo público. Quem quer fornecer um vídeo, entra no site e faz o upload do arquivo. Em seguida, os internautas votam nos melhores vídeos em cada categoria – entretenimento, informação, jornalismo, promoções ou publicidade. Os mais votados são veiculados na programação da Current TV e seus produtores são remunerados.

Em 2006 a TV Tribuna – afiliada da Rede Globo na Baixada Santista – criou o projeto “Câmera Educação”, um concurso de redação para alunos das oitavas séries de escolas dos municípios que estão na área de cobertura do seu sinal. As redações vencedoras são transformadas em matérias jornalísticas e exibidas nos telejornais da emissora. Os autores participam da produção das matérias com a orientação e o acompanhamento dos profissionais da equipe de jornalismo da TV Tribuna.

No ano de 2002 o autor deste artigo desenvolveu, através do software Macromedia Director, o projeto “Segurança Já” para a Rede Bandeirantes de Televisão. Quiosques multimídia de toque na tela, com câmera e microfone embutidos, foram colocados em locais de grande circulação de pessoas em São Paulo, como shoppings e centros empresariais. O usuário participava deixando gravada uma mensagem de trinta segundos em vídeo digital, sobre o tema proposto. Conforme critérios da direção de jornalismo da emissora, os depoimentos mais relevantes eram editados e exibidos diariamente no “Jornal da Noite” na Band.

Com canais de TV digital colaborativos, será possível que novos conteúdos sejam produzidos e difundidos. Mas estes terão chance de vingar somente quando esta nova mídia estiver consolidada e se forem criados novos canais digitais que abram espaço para uma programação criada também pelo público.

"TV 2.0" com padrão mínimo de qualidade

Não podemos presumir que somente o aspecto social e a relevância do tema sejam suficientes para um conteúdo criado pelo público ter espaço na TV. Temos que privilegiar também a forma como este conteúdo será concebido e produzido. Além de exigir um planejamento prévio e a definição de um roteiro, a produção para TV requer um padrão mínimo de qualidade de imagem e som, respeitando também algumas regras básicas de linguagem audiovisual.

A captação de imagens requer planos e ângulos de enquadramento, movimentos de câmera, iluminação e cenários adequados para cada situação, utilizando equipamentos compatíveis com o padrão de qualidade desejado. A captação de som também requer cuidados especiais, principalmente em relação aos tipos de microfones. A operação do aparato de produção e pós-produção audiovisual exige um mínimo de conhecimento técnico e sensibilidade artística. Com a TV digital de alta definição (HDTV), estes aspectos tornar-se-ão ainda mais importantes, pois qualquer “defeito” nas imagens e nos sons ficarão mais evidentes.

A interatividade na TV

A TV digital interativa pode ser definida como conteúdo audiovisual mais software e portanto, agregará funções de informática. Mas o veículo televisão é basicamente uma fonte de entretenimento e informação. O computador é principalmente uma ferramenta de trabalho, estudo e relacionamento. Apesar destes pressupostos, muitas características existentes na Internet e nos DVDs poderão ser implantadas na televisão. A TV digital interativa tem caráter de inovação e exigirá criatividade e ousadia por parte de seus produtores.

A criação de novos programas e anúncios publicitários interativos representará uma quebra de paradigmas e enfrentará muitos obstáculos. Tornar viáveis as relações de interação entre os telespectadores e os conteúdos televisivos, de forma que estas relações atendam aos interesses das emissoras, dos anunciantes e do próprio público, será um grande desafio.

Em função disso e de alguns fracassos de TV interativa no passado, algumas pessoas mais céticas preconizam que a interatividade não vai emplacar na telinha. Mas observando o que ocorre atualmente na Internet, onde milhares de sites desenvolvidos em Flash são multimídia e possuem sofisticada interatividade e considerando a natureza participativa do nosso povo, especialmente do público jovem, podemos acreditar no sucesso da interatividade na TV.

Polêmicas à parte, as experiências recentes de TV interativa na Europa e de TV por assinatura no Brasil, somadas aos conhecimentos existentes em mídias interativas como DVD, CD-ROM e Internet, são as referências iniciais para a criação de novos conteúdos interativos para a TV digital brasileira. O objetivo será superar o receio e o deslumbramento que a novidade causará e depois fazer com que esta novidade seja incorporada pelos telespectadores.

Conclusão

A perspectiva é que, em alguns anos, poderemos ter uma televisão interativa e colaborativa, onde as emissoras e os teleusuários poderão fornecer conteúdos digitalizados para uma grande biblioteca multimídia on-line. Os programas poderão ter hora certa para exibição na grade de programação, mas posteriormente poderão ser disponibilizados para que possamos selecioná-los e assisti-los a qualquer hora, acessando menus na tela da TV com alguns toques no controle remoto.

Apesar de estar enraizado na cultura do nosso povo, o modelo atual da TV aberta, com as emissoras mantendo seus próprios canais, onde a programação é produzida de acordo com os interesses de poucas pessoas e o telespectador fica preso a uma grade horária pré-definida, está começando a dar sinais claros de decadência. O público jovem que tem acesso à Internet em banda larga, assiste cada vez menos à programação da TV aberta.

Os conceitos de multimídia, interatividade e convergência digital estão promovendo uma revolução nas formas de comunicação. A integração entre televisão, internet e telecomunicações é um processo irreversível. Neste cenário, podemos imaginar novos tipos de relacionamento virtual que poderão promover a inclusão digital, levando a uma inclusão social sem precedentes na história do nosso país. E uma televisão interativa e colaborativa poderá ser um importante instrumento para viabilizar uma verdadeira democracia televisiva.